



MARINA LOPES RESENDE

**A LUDICIDADE COMO FERRAMENTA PARA A ADAPTAÇÃO DA
CRIANÇA PEQUENA AO MEIO LÍQUIDO/AQUÁTICO E COMO
METODOLOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA NATAÇÃO**

LAVRAS – MG

2022

MARINA LOPES RESENDE

**A LUDICIDADE COMO FERRAMENTA PARA A ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA
PEQUENA AO MEIO LÍQUIDO/AQUÁTICO E COMO METODOLOGIA PARA O
DESENVOLVIMENTO DA NATAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte
das exigências do Curso de Graduação em
Educação Física, para a obtenção do título de
Bacharel.

Prof^a Dra. Priscila Carneiro Valim Rogatto
Orientadora

LAVRAS – MG

2022

MARINA LOPES RESENDE

**A LUDICIDADE COMO FERRAMENTA PARA A ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA
PEQUENA AO MEIO LÍQUIDO/AQUÁTICO E COMO METODOLOGIA PARA O
DESENVOLVIMENTO DA NATAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte
das exigências do Curso de Graduação em
Educação Física, para a obtenção do título de
Bacharel.

APROVADA em 05 de setembro de 2022

Leonardo José Mendes Silva - FEPI - Membro.

Profª Dra. Priscila Carneiro Valim Rogatto – UFLA – Orientadora.

LAVRAS – MG

2022

Dedico às crianças pequenas, que precisam combater seus medos, traumas, e vivenciar experiências lúdicas para a adaptação ao meio aquático. Quem sabe, para o desenvolvimento integral e aprimoramento de seus nados, como futuras desportivas da natação!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, à Deus.

À minha família – meu alicerce.

À Universidade Federal de Lavras, pela oferta de um curso de bacharelado em Educação Física de qualidade.

Ao seu competente corpo docente, em especial, à Prof^ª Dra. Priscila Carneiro Valim Rogatto – por aceitar o convite de ser a minha orientadora.

A todos, sou grata!

“Não pense que não há desafios, só porque a água está calma.”

(Provérbio Malaio)

RESUMO

A natação é uma modalidade de grande relevância, recomendável para qualquer faixa etária, inclusive para as crianças da primeira infância (de 0 a 6 anos). Esta prática sempre esteve presente na sociedade e vem se aprimorando junto à evolução dos homens, destinada à sobrevivência, à promoção da saúde, ao lazer e ao desporto. Especificamente, junto às crianças pequenas, a prática demanda, inicialmente, a sua adaptação ao meio aquático e combate ao medo da água. É ofertada em academias e escolas de natação, estando à responsabilidade dos profissionais de Educação Física, então professores. Da mesma forma que a natação esteve presente na história da humanidade, a ludicidade (jogos e brincadeiras) também está e, dentre as áreas de sua utilização, está a Educação Física, que a utiliza como recurso ímpar e valioso, além de afetuoso, para que as crianças possam experimentar as atividades físicas, considerando o ambiente em que estão inseridas e a sua fase de desenvolvimento. Assim, o objetivo do presente trabalho de conclusão de curso foi descrever sobre a importância da ludicidade como ferramenta para a adaptação da criança pequena ao meio líquido/aquático e como metodologia para o desenvolvimento da natação pelo profissional de Educação Física. Cumpriu-se por meio de pesquisa exploratório-descritiva, mediante revisão bibliográfica, subsidiada por uma revisão literária eletrônica contemporânea. Justificou-se: cientificamente, pois se faz necessário a desmistificação de se trabalhar somente com aulas tradicionais, que exploram os nados, estendendo-se ao combate do medo da água em crianças pequenas; profissional e mercadologicamente, pois as academias e escolas de natação podem aprofundar os conhecimentos relacionados à aplicação de atividades lúdicas para as crianças da primeira infância, enriquecendo as vivências de seus professores; socialmente, pela promoção do desenvolvimento integral desta clientela e; academicamente, pela escassez de publicações sobre o encontro da ludicidade com a promoção da adaptação ao meio aquático e desenvolvimento da natação, principalmente, em relação ao combate ao medo. Concluiu-se que, por meio do lúdico, é possível transformar as aulas de natação da primeira infância em espaços sociais prazerosos, dotados de metodologia frente à necessidade de adaptação desta clientela ao meio aquático, diversificando suas formas de aplicação, promovendo o enfrentamento do medo e o desenvolvimento de habilidades afetivas, sociais, cognitivas e motoras.

Palavras-chave: Ludicidade. Adaptação ao meio aquático. Natação. Primeira Infância. Educação Física.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Itens e conteúdos desenvolvidos nas aulas de natação para crianças pequenas ... 21

Quadro 2 - Propostas para a iniciação em atividades aquáticas com crianças de 0 a 6 anos .. 30

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COI	Comitê Olímpico Internacional
FINA	Federação Internacional de Natação
SBP	Sociedade Brasileira de Pediatria

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO: A NATAÇÃO PARA CRIANÇAS PEQUENAS.....	14
2.1 Características das crianças pequenas (das crianças na primeira infância).....	14
2.2 Compreendendo a ludicidade e a sua necessidade para a criança pequena	16
2.3 A criança pequena, o medo da água e a adaptação ao meio líquido e à natação.....	18
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO: A LUDICIDADE PARA A ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA AO MEIO LÍQUIDO E PARA A PROMOÇÃO DA NATAÇÃO.....	23
4.1 A ludicidade como ferramenta para o combate ao medo e para adaptação ao meio líquido	23
4.2 A ludicidade como metodologia para o desenvolvimento da natação infantil e seus benefícios na promoção do desenvolvimento integral das crianças	24
4.3 O papel do professor de Educação Física enquanto profissional capacitado para o trabalho com a ludicidade nas academias de natação.....	27
4.4 Sugestões de práticas lúdicas para as aulas de natação de crianças pequenas.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

Dentre as atividades desportivas, a natação é uma modalidade de grande relevância, recomendável para qualquer faixa etária, devido aos seus benefícios à saúde, reconhecidos, principalmente, pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). É uma atividade física completa, que pode ser praticada por crianças desde o nascimento (SOUZA; NYARI; JULIANI, 2021).

O uso do meio aquático pelos homens se dá, de modo frequente, desde a pré-história – logo, segundo a afirmativa de Vargas e Franken (2020), não é exclusividade dos tempos atuais. Para eles, as piscinas de águas quentes já existiam na Índia há mais de cinco mil anos e as pinturas antigas retratam estilos rudes de natação.

Silva e Falcão (2018) registraram que, em 460-375 a.C., Hipócrates já propunha a água como meio de tratamento de doenças, assim como os romanos utilizavam os banhos curativos. Para Melo et al. (2020), a Educação Física se relaciona e utiliza o ambiente líquido (piscinas) para promover a natação, por exemplo.

Pode-se presumir que, com a evolução satisfatória do uso do meio aquático, a procura pela prática da natação aumentou, ligada à satisfação das necessidades intrínsecas e à promoção do desenvolvimento integral do ser humano, estando as crianças incluídas nesta população. Em consenso, Carvalho e Maciel (2018) e Melo et al. (2020) afirmam que muitos pais a buscam pela segurança de seus filhos, na tentativa de prevenir afogamentos e traumas.

O trabalho da natação com crianças pequenas é permeado por dificuldades. A primeira delas é o medo da água. Em seguida, considerando a fase de iniciação – ou seja, a fase de adaptação do ser humano ao meio líquido e a sua relação com ele – é a escassez da utilização de práticas sistemático-metodológicas e pedagógicas por parte de alguns profissionais de Educação Física (CARVALHO; MACIEL, 2018; SARAIVA et al., 2018; CAVALCANTI, 2019; OLIVEIRA JUNIOR, 2019; VARGAS; FRANKEN, 2020; SOUZA; NYARI; JULIANI, 2021).

Da mesma forma que a natação esteve presente na história da humanidade, os jogos e as brincadeiras também estão. De acordo com Correia et al. (2019), dentre as diversas formas de vivência da ludicidade, o campo das investigações e das pesquisas junto à prática das atividades físicas no meio líquido está emergindo. Silva (2019) corrobora com esta assertiva, ponderando que a literatura especializada sobre a Educação Física evidencia a ludicidade como recurso ímpar, valoroso e afetuoso para que as crianças possam experimentar as atividades físicas, considerando o ambiente em que estão inseridas e a sua fase de desenvolvimento.

Frente ao que foi contextualizado, a situação problema que norteia a pesquisa deste trabalho de conclusão de curso se resume em saber: a ludicidade pode ser considerada como uma ferramenta para a adaptação da criança pequena ao meio líquido/aquático e como metodologia para o desenvolvimento da natação pelo profissional de Educação Física?

Enquanto hipótese, motivando a pesquisa, acredita-se que a ludicidade é um recurso importante para melhorar a adaptação da criança ao meio líquido/aquático, principalmente quando a intenção é o combate ao medo da água. Após a adaptação, torna-se uma metodologia inovada e ativa para o favorecimento do desenvolvimento integral, por isso, deve ser explorada e adotada por esses profissionais.

Sob essa ótica, medo, adaptação ao meio líquido, lúdico, afetividade e natação são termos que constituem o tema desta pesquisa, que se delimita em abordar a ludicidade como ferramenta para a adaptação da criança pequena ao meio líquido/aquático e como metodologia para o desenvolvimento da natação.

A escolha desta temática se justifica, cientificamente, na constatação de que a brincadeira e o jogo oportunizam o protagonismo do processo de desenvolvimento das crianças pequenas. Faz-se relevante, uma vez que a ludicidade enquanto metodologia ativa para a promoção da adaptação aquática na natação desmistifica a importância de se trabalhar somente com aulas tradicionais, que exploram os nados, estendendo-se ao combate ao medo (CAVALCANTI, 2019).

A justificativa profissional e mercadológica está na constatação de que, com o estudo, as academias e as escolas de natação podem aprofundar os conhecimentos relacionados à aplicação de atividades lúdicas para as crianças da primeira infância (de 0 a 6 anos), enriquecendo as experiências de seus professores pelas instruções que possam interessar aos mesmos (SILVA, 2020).

A justificativa social se atrela à descoberta de que a primeira infância é uma fase potencial do desenvolvimento infantil, na qual a ludicidade, enquanto recurso que explora a afetividade das relações com o meio, pode beneficiar as crianças, considerando a sua motivação para a adaptação ao meio líquido e para a introdução na natação, corroborando com a socialização e com a saúde, sem contar com o seu desenvolvimento integral – cognitivo, motor, afetivo e social (OLIVEIRA JÚNIOR, 2019).

Ainda, como justificativa acadêmico-científica, entende-se que este estudo possa incorporar o número restrito de publicações a respeito do encontro da ludicidade com a promoção da adaptação ao meio aquático e do desenvolvimento da natação, levando em conta o combate ao medo (SILVA, 2020).

O objetivo geral é descrever sobre a importância da ludicidade como ferramenta para a adaptação da criança pequena ao meio líquido/aquático e como metodologia para o desenvolvimento da natação pelo profissional de Educação Física. Este se cumprirá por meio dos seguintes objetivos específicos elencados: caracterizar as crianças pequenas; compreender a relação da ludicidade para o enfrentamento do medo da água e prevenção de traumas; identificar os benefícios da natação para o desenvolvimento integral das crianças pequenas; enaltecer o papel do professor de Educação Física enquanto profissional capacitado para o trabalho com a ludicidade nas academias de natação e; apresentar sugestões de práticas lúdicas para as aulas de natação de crianças pequenas.

Quanto à metodologia de pesquisa, optou-se pela pesquisa do tipo exploratório-descritiva, cumprida qualitativamente por meio de revisão bibliográfica, subsidiada por uma revisão literária eletrônica contemporânea (MARCONI; LAKATOS, 2017), realizada em bases de dados confiáveis, em repositórios e publicações de periódicos e revistas especializadas.

O conteúdo deste trabalho se estruturou em capítulos. Após esta introdução – onde o assunto foi contextualizado, a situação problema e a hipótese foram evidenciadas, as justificativas identificadas e os objetivos elencados – um capítulo específico (o segundo) ocupou-se do referencial teórico pertinente.

Nele, conceitos, teorias e definições abordaram sobre a natação para as crianças pequenas. Alguns tópicos subdividiram o capítulo: as características das crianças pequenas (na primeira infância) foram conhecidas; a ludicidade foi conceituada, caracterizada, e a sua demanda para a criança pequena foi compreendida, bem como a ocorrência do medo da água nesta fase, para explicar a necessidade de adaptação ao meio líquido, sendo essencial promover a natação na primeira infância. Ainda neste tópico, a natação (enquanto atividade e prática desportiva, de promoção à saúde) foi historicizada, suas características e definições foram explanadas e seus itens e conteúdos a serem desenvolvidos nas aulas foram conhecidos, para a compreensão de como o medo da água possa ser combatido nas escolas e academias de natação.

Um breve capítulo (o terceiro) de procedimentos metodológicos se estruturou na sequência, onde a metodologia de pesquisa elegida foi identificada (revisão bibliográfica-literária), tipificada (exploratório-descritiva) e sua abordagem conhecida (qualitativa). A forma de coleta de dados foi apontada, sob a exposição de critérios inclusivos (bibliografia básica e literatura especializada publicada entre 2018-2022).

No quarto capítulo foram trazidos os resultados – ou seja, a ludicidade foi contemplada para a adaptação da criança ao meio líquido e para a promoção da natação – e discussões foram englobadas para a sua descrição enquanto ferramenta para o combate ao medo e como

metodologia para a promoção do desenvolvimento infantil integral. Além disso, o papel do professor de Educação Física enquanto profissional capacitado para o trabalho com a ludicidade nas academias de natação foi enaltecido e foram apresentadas algumas sugestões de práticas lúdicas para as aulas de natação com esse público.

Por fim, não tendo a pretensão de esgotamento do tema, mas trazendo ponderações para o abordado, as considerações finais são estabelecidas no quinto capítulo. A resposta ao problema da pesquisa (ou seja, a hipótese da pesquisa se confirma) é conhecida e o objetivo geral é firmado como cumprido.

2 REFERENCIAL TEÓRICO: A NATAÇÃO PARA CRIANÇAS PEQUENAS

2.1 Características das crianças pequenas (na primeira infância)

Pensar no período da infância de uma criança pequena – primeira infância, de 0 a 6 anos – é fazer uma rápida associação a uma fase de descobertas por meio de brincadeiras, de histórias e músicas acompanhadas de peraltices, contudo, dotadas de inocência. Em simples palavras, pensar na infância é pensar, automaticamente, na condição de ser criança. Porém, conceituar e definir a criança implica em significações distintas, sendo necessário, a princípio, a compreensão de como a infância foi construída ao longo da história (CORAZZA, 2012).

As crianças podem ser definidas como sujeitos em seus processos de crescimento, com possibilidades orgânicas e mentais, portadoras de seus próprios meios de viver e formas de conhecer a realidade (DAMAZIO, 2004). Ou seja, ela cresce, à medida que se desenvolve físico e cognitivamente, de modo peculiar, inserida na sociedade.

Os estudos da infância se difundiram por diversas áreas de investigação, apoiados nas contribuições e fundamentações teóricas que foram surgindo, ao longo de décadas. Em muitos deles, emergiu uma ampla discussão a partir da reflexão sobre a criança em seu contexto histórico e social. O precursor dos mesmos foi Philippe Ariès, um historiador francês que se dedicou à promoção do desenvolvimento social das crianças (GOUVEA, 2008).

No início da década de 70, ele foi autor de uma obra que percorria a história social da criança e de sua família, buscando nela a identificação dos sentimentos atribuídos às crianças, utilizando, para tanto, registros – pinturas, quadros e desenhos– da vida cotidiana das Idades Média e Moderna. Descobriu por meio deles que, no século X, não existia a conceituação de infância e que, na Idade Média, a retratação infantil era escassa, levando-o à conclusão de que a sociedade em ocasião não se preocupava em falar de infância (GOUVEA, 2008; KUHLMAN JÚNIOR, 2011).

Os registros da infância aconteceram mais tarde, no século XIII, com pinturas de crianças em forma de adultos em miniaturas. Elas eram retratadas inseridas em atividades rotineiras, com vestimentas de adultos, em tamanhos reduzidos, integradas em eventos da sociedade local, como festas e celebrações. Não recebiam cuidados especiais, adequados à faixa etária e ao seu desenvolvimento (GOUVEA, 2008; KUHLMAN JÚNIOR, 2011).

A concepção de infância, naquela ocasião, segundo Ariès (2016), referia-se à faixa etária de 0 a 6 anos, sendo este um período caracterizado pela ausência da linguagem ou pela dificuldade de expressão de pensamento e sentimento por meio da fala. Isso é associado à figura

da criança como um ser não racional, repleto de comportamentos e reações inadequadas/inesperadas.

No percurso da história, o sentimento de infância ganha um novo cenário a partir do século XX, quando a criança sai do anonimato e ganha *status* social, sendo foco de áreas afins dedicadas ao estudo do conhecimento, tais como: Psicologia, Sociologia, Antropologia, Pedagogia, Educação Física, Psicanálise, Linguística, dentre outras. Na atualidade, elas se dedicam a estudar as especificidades da infância e seu desenvolvimento, tendo plena consciência de que a criança não é um adulto em miniatura (KUHLMAN JÚNIOR, 2011).

A primeira infância é vista, então, como um período para a promoção do desenvolvimento integral da criança, enquanto ser humano, principalmente, por ser a fase de maior potencial de desenvolvimento, cuja cognição é aguçada e promovida (KUHLMAN JÚNIOR, 2011). Nela, a criança apresenta um desenvolvimento muito acelerado e, por isso, está mais suscetível ao êxito dos processos de aprendizagem (SANTOS et al., 2020).

Sob essa ótica, é incontestável que o caminho do desenvolvimento integral da criança se inicia na primeira infância, haja vista que ela se encontra aberta e pronta para receber os estímulos. Neste período, são construídas todas as bases dos indivíduos – sensoriais, afetivas, mentais, morais, sociais e estéticas.

Foi a partir da Teoria Cognitiva de Jean Piaget que se passou a pensar no desenvolvimento humano de acordo com estágios. Esta proposição vem influenciando educadores e estudiosos e se fez marco referencial, com a afirmativa de que uma criança só consegue aprender o que está apta e preparada a aprender, sendo responsabilidade do professor o aperfeiçoamento dos processos de descobertas para as assimilações (CORAZZA, 2002).

Na perspectiva piagetiana, o desenvolvimento e a aprendizagem resultam da contínua formação de esquemas de adaptação e organização, ora pela experiência, ora pela reflexão, que culminam na formação de novas estruturas cognitivas (CORAZZA, 2002). Segundo Gouvea (2008), a definição de conhecer/desenvolver se dá a partir da experiência que se tem sobre um objeto, à medida que se passa a atribuir a ele significações (sentidos), e isso só é possível devido a capacidade de assimilação que o ser humano possui.

Para tanto, não se pode descartar o apontamento de que o desenvolvimento intelectual se dá por meio de fases, ou estágios. É imprescindível considerar que as experiências individualizadas vão constituindo um processo de assimilar e acomodar, o processo de cognição natural (ARIÈS, 2006). A assimilação se caracteriza quando a criança se depara com determinados problemas do mundo externo e utiliza as estruturas mentais já existentes para resolvê-los. Já na acomodação a criança não consegue resolvê-los com base nas estruturas já

existentes, então as modifica (PIAGET, 1978). Os avanços ocorrem a cada acontecimento de transformação cognitiva, recebendo o termo de estágio (ARIÈS, 2016).

As experiências vivenciadas pelas crianças de zero a seis anos de idade são fundamentais para a sua formação, o que se aprende nesta faixa etária deixa marcas para o resto da vida. É o momento de interação da criança com o mundo, com todos que a cercam e consigo mesma. É neste espaço de desenvolvimento que os aprendizados e os conhecimentos podem e devem ser promovidos com qualidade, ludicamente (FREIRE, 2018). O desenvolvimento humano se dá através de transformações complexas, transformando quantidades de experiências em qualidades das experiências vividas (OLIVEIRA JÚNIOR, 2019).

2.2 Compreendendo a ludicidade e a sua necessidade para a criança pequena

Assim como a natação esteve presente durante a história da humanidade, os jogos e as brincadeiras sempre foram utilizados pelas crianças e adultos, permeando as sociedades (DURAN, 2015).

A atividade lúdica (aqui compreendida como o uso de jogos, brincadeiras e brinquedos), de modo geral, proporciona momentos de descontração e prazer, incertezas e exploração (KISHIMOTO, 1996). No brincar, a criança constrói e reconstrói simbolicamente a realidade e recria o existente (FREIRE, 2018).

Algumas primeiras explicações do uso da ludicidade junto às crianças, como recurso para o combate ao medo, são encontradas no estudo de Silva (2019), quando estabelece os benefícios da natação para o desenvolvimento infantil.

[...] numa abordagem mais abrangente, o lúdico poderia ser a ocasião de lidar com a segurança e o incerto, o medo e a coragem, a perda e o ganho, o prazer e o desprazer, o sério e o cômico, a objetividade e a subjetividade, enfim, uma oportunidade de ensinar e aprender sobre a vida, entendida como um grande jogo em que, como em todos os demais, existem objetivos, regras e papéis a serem obedecidos (SILVA, 2019, p.28, *grifo meu*).

Esta afirmativa pode se embasar nas ponderações de Luckesi (2014). O estudioso do desenvolvimento infantil e pesquisador da ludicidade afirma este recurso como um estado interno da criança. Em suas palavras, “[...] a experiência lúdica (= ludicidade), que é uma experiência interna ao sujeito, só pode ser percebida e expressa pelo sujeito que a vivencia” (p.17). Silva (2020), em concordância, afirma que quando a criança vivencia a ludicidade ela passa a aprender o necessário, a vencer suas dificuldades e medos por meio do prazer que aquilo lhe proporciona, mediante o modo de como os estímulos lhes são enviados.

Desta forma, considerando os apontamentos de Luckesi (2014), Silva (2019) e Silva (2020), é evidente que a ludicidade é um sentimento subjetivado, que promove uma vivência e experiência integral, através de experiências práticas (atividades lúdicas).

Contudo, de acordo com Silva (2020), o simples envolvimento da criança nas atividades nem sempre é garantia de vivências lúdicas. O papel da ludicidade é a integração dos aspectos cognitivo, físico e social (para o desenvolvimento integral) a fim de que a criança possa se relacionar com as atividades e para que estas possam lhe proporcionar prazer. O estudioso considera que o prazer seja um elemento primordial para o combate ao medo e promoção à coragem.

É consenso entre os pensadores – Jean Piaget (1978), Lev Vygotsky (1998) e Henri Wallon – que as atividades lúdicas são de extrema importância no aprendizado e no desenvolvimento da criança, visto que por intermédio das brincadeiras há o estímulo da curiosidade e das habilidades motoras, possibilitando a ampliação do cognitivo, auxiliando nas dificuldades da vida e ajudando a expressar suas emoções (KISHIMOTO, 2000).

Para Piaget (1978), a criança é um agente ativo em seu próprio desenvolvimento, construindo e se adaptando ao ambiente e modificando seus esquemas básicos. Suas habilidades cognitivas dependem de conhecimentos específicos e do ambiente que facilitará o brincar. Elas se adaptam ao ambiente através do processo de equilíbrio. Este conceito é evidenciado na atividade lúdica infantil à medida em que as crianças, ao jogarem/brincarem, assimilam novas informações e acomodações às estruturas mentais já adquiridas anteriormente.

Para Vygotsky (1998), o brincar é essencial para o desenvolvimento cognitivo, pois os processos de simbolização e de representação a levam ao pensamento abstrato. A criança aprende a agir em uma esfera cognitiva, dependendo de motivações e tendências internas e não de incentivos fornecidos por objetos externos. Ele acredita que a evolução da brincadeira infantil vai de uma situação imaginária, com regras ocultas, para um jogo com regras às claras, contendo uma situação imaginária oculta. Assim, pode-se afirmar que a formulação imaginária criada pela criança determina o brincar e a imaginação é uma atividade consciente que surge da ação.

Wallon (1968) oferece o entendimento de que o brinquedo se configura a partir do real, pressupondo contextos sociais favoráveis. Como afirma Kishimoto (2000), o principal eixo organizador do trabalho com jogos/brincadeiras são as interações sociais, sem elas a dinâmica da troca de experiência e de conhecimento não acontece.

Freire (2018), um especialista em ludicidade na aprendizagem e desenvolvimento, afirma que não existe uma forma melhor/única ou uma receita de como se trabalhar nas escolas

(inclusive, escolas de natação), sendo necessário que cada professor adote uma estratégia de acordo com a faixa etária, as características dos alunos e demais particularidades a serem observadas.

Desse modo, a ludicidade possibilita à criança se conhecer e se constituir socialmente, além da elaboração de soluções por meio dos avanços de seus conhecimentos adquiridos e competências e habilidades específicas. Uma vez que, ao brincar, ela assimila diferentes representações sobre o mundo e desenvolve inúmeras formas de se comunicar, vivenciar suas emoções, interagir, melhorar seu desempenho físico, mental, social, motor, e formação moral (FREIRE, 2018).

Logo, é viável a promoção de discussões acerca das tendências adequadas ao processo de adaptação ao meio aquático e a promoção da natação, na tentativa de desmistificar e desbancar a prática tradicionalista que ainda existe nas piscinas e academias de natação, marcada pela passividade dos alunos e pela mecanicidade dos professores. Frente ao todo, o uso da ludicidade como uma metodologia ativa se caracteriza como um processo de mudança, com estratégias de desenvolvimento (DURAN, 2015).

2.3 A criança pequena, o medo da água e a adaptação ao meio líquido e à natação

Antes da abordagem do medo das crianças pequenas em relação à água e das dificuldades de sua adaptação ao meio líquido, faz-se necessário compreender os benefícios da natação para as mesmas, para justificar a proposição de estratégias metodológicas ou das ferramentas necessárias ao enfrentamento de tais obstáculos.

A relação dos homens com o meio líquido é antiga, primeiramente se deu pela exploração da água como elemento de sobrevivência, para a busca de alimento. Posteriormente, passou a ser explorada como uma estratégia segura e sistematizada de deslocamento (SILVA; FALCÃO, 2018).

A Federação Internacional de Natação (FINA) em concomitância com o Comitê Olímpico Internacional (COI) não conseguem definir o exato início da prática desportiva da natação (em relação ao caráter formal, competitivo) e acrescentam que este início vem se confundindo com a própria evolução da humanidade, pois a sua prática estabelece relação com a subsistência e sobrevivência. Entretanto, acreditam que o aperfeiçoamento técnico da atividade aconteceu no começo do século XIX, com o aparecimento de movimentos institucionalizados que regulamentaram a promoção e o aumento da velocidade (SOUZA; NYARI; JULIANI, 2021).

Evidências históricas asseguram que o deslocamento dos homens na água (o nado) já era registrado em pinturas rupestres em cavernas, no deserto da Líbia, datando 5000 a.C. A natação servia para a preparação de exércitos e para a educação, na intenção da formação de caráter, por isso, firmou-se como um elemento discriminador da mesma forma que discriminatório, haja vista que educados eram os homens que nadavam (OLIVEIRA JÚNIOR, 2019).

No século XIII a.C., chineses e japoneses já praticavam atividades físicas na água como referência à prática médica – o que se eternizou e hoje passou a ser reconhecida como hidroterapia (MELO et al., 2020). Na Idade Média, a assertiva de que o homem educado era aquele que sabia nadar retoma o histórico da natação, pelo fato dos romanos acreditarem que nadar era tão importante quanto ler e escrever (OLIVEIRA JÚNIOR, 2019).

De acordo com Silva (2020), por muito tempo a natação foi explorada e realizada de forma mecânica, focando mais no plano técnico do que no metodológico-pedagógico; as crianças eram supervisionadas por técnicos e professores que objetivavam o ensino dos nados e a formação de atletas. As demais relações e benefícios da natação não eram tão considerados e a sociabilidade e a psicomotricidade não eram priorizadas. Ele assegura que esta seja uma explicação inicial para o desinteresse ou não adesão da prática da natação na primeira infância.

Entretanto, com a evolução dos estudos e pesquisas, muitos resultados promoveram descobertas de novas formas de sua prática para que seus benefícios se ampliassem para um número maior de crianças ao longo do mundo. A atividade transitou do objetivo de sobrevivência e de profissionalização para a promoção do desenvolvimento integral da criança. Por isso, a natação (e conseqüentemente o meio aquático) proporciona muitos benefícios, não só para a faixa etária da primeira infância, como para as demais (SOUZA; NYARI; JULIANI, 2021).

Fisiologicamente, é considerada pela Medicina e pelo desporto como um esporte completo, uma atividade saudável, pois movimenta toda a musculatura corporal. Os elementos do nado (pernada, braçada e respiração) coordenam movimentos e administram a frequência cardiorrespiratória. Além disso, melhoram a qualidade do sono, estimulam o apetite, reativam a memória e previnem doenças respiratórias (SILVA, 2021).

Em relação a sua definição, de acordo com Cavalcanti (2019), é conceituada como uma habilidade permissiva ao deslocamento da criança na água, justificado por forças propulsivas geradas pelos membros superiores, inferiores e corpo, necessárias para o vencimento das resistências que se opõem ao seu avanço.

Correia et al. (2019) a definem como um conjunto de habilidades que promovem deslocamentos autônomos, independentes, seguros e prazerosos no meio líquido; como experiências corporais aquáticas, para percepção da água como um espaço propenso para aprendizados, emoções e para o estabelecimento de relacionamentos – consigo mesmo, com outras crianças e com o meio.

Encontra-se em Souza, Nyari e Juliani (2021) uma definição de natação enquanto desenvolvimento de habilidades motoras complexas e a promoção da socialização, contemplados dentro da proposta de brincar e aprender a se defender dentro da água, desenvolvendo a autonomia, a segurança e a prevenção de traumas.

Para o presente estudo, acredita-se que o conceito de Correia et al. (2019) seja o mais pertinente para a adaptação ao meio líquido e para a promoção da natação com crianças pequenas e que o apontamento de Cavalcanti (2019) esteja apropriado, em relação à demanda pela ludicidade, reafirmando o que Souza, Nyari e Juliani (2021) expõem: a natação para a primeira infância deve ser pautada em propostas dinâmicas e atrativas, com ferramentas e metodologias direcionadas. Para tanto, deve-se usufruir da ludicidade, que promove a satisfação, o prazer (atuando no combate ao medo da água) e o desenvolvimento integral, dentre os aspectos cognitivos, motores e sociais.

De acordo com Carvalho e Maciel (2018), a natação se concebeu como a adaptação inteligente do homem (da criança), ao longo da história, ao elemento água e ao ambiente aquático.

[...] para Piaget, a inteligência seria o resultado de adaptações, nesse sentido seria por meio da experiência como ação que as pessoas passariam a transformar o mundo e a incorporá-lo, portanto, pode-se afirmar que por meio da ludicidade o indivíduo integra-se ao mundo exterior e o modifica, assim como a si próprio. A adaptação para Piaget não era um processo passivo e sim um processo dinâmico e contínuo no qual a estrutura hereditária do organismo interage com o meio externo (a água) de modo a reconstituir-se (combater ao medo), com vistas a uma melhor sobrevivência (SILVA, 2019, p.39).

Souza, Nyari e Juliani (2021) afirmam que, mesmo o meio líquido sendo a origem da vida, é escassa a literatura que reporta o uso da ludicidade no trabalho dos profissionais de Educação Física em meio aquático. Eles defendem a promoção de estudos sobre o tema, considerando que a adaptação a esse meio é o primeiro passo para o desenvolvimento da natação, tanto para a sobrevivência quanto para o desenvolvimento integral da criança e para a motivação do desporto competitivo.

De acordo com Correia et al. (2019), muitos pais são conscientes sobre a relevância da natação para o desenvolvimento dos filhos, em todos os aspectos. Por isso, retomando Souza,

Nyari e Juliani (2021), faz-se necessário uma motivação adequada para a adaptação da criança ao meio aquático, desmistificando as piscinas de escolas de natação como um espaço de medo e insegurança, devido ao volume de água ou quaisquer situações inconvenientes, que geram desconfortos. Cavalcanti (2019) justifica essa adaptação ao ponderar que durante 9 meses as crianças permanecem no útero materno. Posteriormente, ao nascer, adaptam-se ao meio terrestre e demandam por aprendizados como equilíbrio, propulsão, inspiração e expiração, por exemplo. Feito isso, ocorre a reinserção ao ambiente líquido, o que demanda reaprender e, principalmente, combater seus (novos) medos ou superar possíveis traumas.

Vargas e Franken (2020) salientam que os seis primeiros anos do desenvolvimento das crianças são considerados como o período formativo e, por isso, são capazes de exercer influência nos demais períodos. Desta forma, é primordial que os medos atuais e os futuros, em relação à água, sejam desmistificados e trabalhados junto às crianças pequenas, desarticulando conceitos negativos do meio líquido/aquático, da piscina – e, conseqüentemente, em relação às atividades que possam ser proporcionadas neste espaço.

Oliveira Júnior (2019) estruturou alguns itens e conteúdos que devem ser desenvolvidos nas aulas de natação para crianças pequenas, como compilado no Quadro 1.

Quadro 1 – Itens e conteúdos desenvolvidos nas aulas de natação para crianças pequenas

Imagem corporal	-Localização das partes do próprio corpo. -Localização das partes do corpo do outro.
Coordenação óculo-corporal	-Pegar objetos flutuantes. -Pegar objetos arremessados. -Pegar objetos submersos (visão subaquática). -Arremessar objetos.
Preensão muscular	-Preensão de objetos de formas, texturas e tamanhos (largura e comprimento) variados.
Movimentos ativos de membros superior e inferior dentro da água	-Estímulo ao deslocamento ativo.
Respiração	-Adaptação à água no rosto. -Soprar o ar na água. -Desenvolvimento do controle respiratório.
Domínio aquático	-Bloquear sempre que fizer imersão. -Imitar gestos. -Relaxamento. -Exercícios respiratórios. -Exercícios educativos para a imersão. -Estímulo à imersão voluntária. -Deslocamento submerso.
Domínio corporal e no meio aquático	-Conhecimento das partes do corpo. -Saltos da borda com e sem imersão. -Deslocamento submerso com mudança de direção. -Sobrevivência no meio líquido.
Ludicidade	-Atividades lúdicas, musicais e historiadadas.

	-Uso de brinquedos (material lúdico). -Promoção de jogos e brincadeiras no meio aquático.
--	--

Fonte: Oliveira Junior (2019, p.20)

Considerando tais apontamentos, Duran (2015) enaltece que as experiências no meio líquido e nas piscinas devem ser vivenciadas o mais cedo possível com as crianças, estando elas prontas a partir do seu nascimento. Correia et al. (2019) registram que os problemas nas aulas de natação, como o medo e o pânico da água, originam-se das formas erradas de como as crianças pequenas se relacionaram com o meio líquido em suas primeiras experiências, por isso, um trabalho sistemático-metodológico adequado e propício para a idade da primeira infância deve ser adotado pelas escolas de natação e fazer parte dos portfólios didáticos dos profissionais de Educação Física.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De abordagem qualitativa, tendo como base a cientificidade dos conhecimentos teóricos, a metodologia de pesquisa se define como exploratório-descritiva, pois visa gerar dados e informações a partir de objetivos definidos relacionados a determinado problema (MARCONI; LAKATOS, 2017) – ou seja, visa descrever sobre a importância da ludicidade como ferramenta para a adaptação da criança pequena ao meio líquido/aquático e como metodologia para o desenvolvimento da natação pelo profissional de Educação Física.

Os estudos exploratório-descritivos, para facilitar as discussões dos seus achados, são subsidiados por uma pesquisa bibliográfica, considerando se desenvolver por meio de um estudo sistematizado baseado em material publicado, caracterizado como instrumento analítico (MARCONI; LAKATOS, 2017). Desta forma, obras clássicas de Educação Física, Pedagogia, Educação e Psicologia foram utilizadas para fundamentar as teorias relacionadas ao assunto de pesquisa.

Além disso, considerando a contemporaneidade do tema/assunto, a pesquisa bibliográfica se atrelou a uma revisão de literatura, trazendo estudos pertinentes como subsídio de pesquisa e de discussão sobre a existência de estudos/trabalhos (ou não) semelhantes e atuais. Como concebem Marconi e Lakatos (2017), não se resume só ao acervo de teorias, mas ao acesso aos trabalhos realizados que as tomam como referência, servindo de aporte para a discussão proposta.

Assim, agregando às obras clássicas utilizadas, priorizou-se a literatura eletrônica publicada no período de 2018-2022, mediante pesquisa em revistas especializadas e

repositórios de instituições de ensino superior, tendo como base confiável de dados: Google Acadêmico, Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e PubMed. Publicações sobre ludicidade, infância, adaptação ao meio líquido/aquático, natação para crianças e direcionamentos para professores de Educação Física e aulas de natação foram utilizadas para corroborar com a proposta do estudo em questão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO: A LUDICIDADE PARA A ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA AO MEIO LÍQUIDO E PARA A PROMOÇÃO DA NATAÇÃO

4.1 A ludicidade como ferramenta para o combate ao medo e para adaptação ao meio líquido

Comumente, as crianças da primeira infância que vão para uma escola de natação tiveram contatos restritos com a água, alguns até traumatizantes, por isso, possuem medo do ambiente aquático e não se sentem seguras ou não confiam nos professores, apresentando resistência à atividade, ao ambiente e à piscina. A cena pode ser visualizada com crianças chorando ou presas à borda da piscina ou no colo de seus pais. Nestas ocasiões, Silva (2021) acrescenta que, para ambos os casos, a oferta de brincadeiras, brinquedos e jogos vai promover uma desmistificação tanto do trauma quanto do medo, além de motivar e promover emoções e facilitar os vínculos, pois promove a afetividade e as sensações positivas no contato com a água. A cena muda, as crianças estão sorridentes, motivadas para as atividades e confiam nos professores.

Assim, as relações interpessoais estabelecidas na água para a adaptação da criança na primeira infância devem ser pautadas na ternura, na cooperação, no respeito mútuo e nos demais sentimentos e valores positivos que constituem o espaço enquanto um ambiente de bem-estar, igualdade e confiança (LEITE; DANTAS, 2020). Ou seja, de acordo com Franco (2012), deve-se estabelecer a criação de vínculos, pautados na afetividade. O que subsidia o combate ao medo da água, então, o professor deve estabelecer ‘o que precisa ser feito’ e ‘como deve ser feito’ para tal.

A afetividade está correlacionada ao conjunto de valores, ela contribui para o desenvolvimento da criança crítica, autônoma, cognitiva e inclusiva. Considerando a teoria piagetiana, pode-se afirmar que o afeto é capaz de promover uma aceleração do desenvolvimento de estruturas cognitivas, embora não explique a construção da inteligência. Contudo, faz-se um pilar base para o desenvolvimento integral (FRANCO, 2012).

Em consenso, Saraiva et al. (2018), Oliveira Junior (2019) e Silva (2020), asseguram que as aulas de natação, através da ludicidade como método de estímulo, possibilitam um número de práticas de interação afetiva e motivação mútua mais eficaz de adaptação ao meio aquático. Pode-se vislumbrar um espaço inclusivo, considerando que são ofertadas a cada criança possibilidades de superação de suas dificuldades inerentes e peculiares de adaptação ao meio ou de desenvolvimento de suas habilidades e potencialidades.

[...] pode-se perceber que o uso do lúdico na fase de adaptação das crianças na água, contribuiu de forma significativa para que as crianças perdessem o medo da água, o que é comum aos que começam a ter os primeiros contatos com o meio líquido [...]. Este medo está relacionado ao medo de afundar, em não conseguir se levantar e em não conseguir encostar os pés no chão. [...] o lúdico se apresentou como uma importante ferramenta pedagógica para facilitar os primeiros contatos das crianças com a água e posteriormente contribuindo para a evolução dos alunos nas aulas (SILVA, 2020, p.29).

Ainda, segundo os autores, as atividades práticas direcionadas ao trabalho com brincadeiras e brinquedos para crianças de 0 a 6 anos além de serem uma forma delas se expressarem artisticamente, promovem encontros sociais que antecedem o ato de nadar, a afetividade entre o professor de Educação Física e a criança pequena facilita a ambientação na água. Na verdade, justifica-se esta assertiva pois se considera que o lúdico em meio líquido é permissivo à promoção de experiências novas e prazerosas, associadas às experiências adquiridas anteriormente, desmistificando traumas e reduzindo medos (SARAIVA et al., 2018; OLIVEIRA JUNIOR, 2019; SILVA, 2020).

4.2 A ludicidade como metodologia para o desenvolvimento da natação infantil e seus benefícios na promoção do desenvolvimento integral das crianças

De acordo com um estudo bibliográfico realizado por Silva (2021), quando a proposta é o desenvolvimento de crianças – inclusive, em relação à natação infantil –, as opções dos professores de Educação Física nas escolas de natação são: metodologia pautada no tradicionalismo e a metodologia baseada no lúdico. Duran (2015) assegura que, teoricamente, a metodologia tradicional já não tem mais lugar na natação com crianças pequenas; entretanto, assinala ainda a sua existência na prática e justifica que isso se deve à rejeição, por parte de alguns profissionais, da adesão à ludicidade, acreditando ser somente uma recreação ou um passatempo nas aulas.

Cavalcanti (2019) e Silva (2021) ressaltam que justamente por ser uma atividade física capaz de promover e influenciar o desenvolvimento integral da criança na primeira infância –

não somente a questão psicomotora –, é que a promoção da natação deve ocorrer pautada em uma metodologia ativa, inovadora e propícia para o público em questão.

[...] todos os aspectos podem e devem ser tratados na natação infantil; afetivo, cognitivo, social e motor. É importante que o professor esteja atento para direcionar a criança para o aprendizado como um todo, não somente como reprodutora de movimentos ou com o objetivo, apenas, que a criança nade, mas sim, [...] contribuir para ativar o processo evolutivo psicomorfológico da criança [...]. A natação infantil [...] trata desde a ativação de células cerebrais da criança até um desenvolvimento prévio de sua psicomotricidade, sociabilidade e reforço do sistema cardiovascular morfológico. Pode-se dizer que um programa de ensino da natação organizado, planejado, desenvolvido e orientado por um profissional capacitado, acaba por educar a criança de forma integral, contribuindo para o desenvolvimento de suas capacidades, individualidades e qualidade de vida (CAVALCANTI, 2019, p.14).

De acordo com Duran (2015), a motivação por meio da ludicidade pode se dar também com o uso de certos materiais (recursos), como: argolinhas, pontes, tatames, macarrão, pranchas coloridas, brinquedos flutuantes (animais, por exemplo); ainda, utilizar músicas cantadas nas piscinas durante as aulas é capaz de promover o almejado desenvolvimento.

Em síntese, a piscina para a natação pautada no lúdico, para crianças de 0 a 6 anos, constitui-se um espaço de experimentos, de vivências de situações variadas e dotadas de qualidade, subsidiadas por afetividade e sensações de prazer, funcionando como uma metodologia para a percepção da criança sobre o seu próprio corpo, sua motricidade, seu cognitivo e suas emoções (SILVA, 2021).

Assim, quando o professor de Educação Física promove a ludicidade nas aulas de natação, além de promover os vínculos afetivos para combater o medo, passa a promover o desenvolvimento integral (cognitivo, motor, afetivo e social) da criança pequena (LEITE; DANTAS, 2020).

Em relação ao desenvolvimento cognitivo, a área cognitiva estabelece relação com o potencial que a criança tem para aprender, sendo um resultado da integração de fatores genéticos com fatores ambientais (OLIVEIRA JUNIOR, 2019). A inteligência da criança (ou seja, o seu conhecimento) sempre será o produto de suas interações afetivas com as experiências ambientais vivenciadas (SANTOS et al., 2020).

Dentro deste apontamento, Oliveira Junior (2019) pondera que, na visão piagetiana, o movimento, na primeira infância, é sempre um agente clássico no processo de formação das estruturas cognitivas em desenvolvimento. Piaget é considerado o estudioso mais popular da cognição infantil, afirma que o funcionamento da inteligência se dá mediante o funcionamento dos aspectos biológicos da criança. Por isso, sua teoria assegura que as atividades biológicas

atreladas às atividades intelectuais fazem parte do processo global de desenvolvimento da criança e que, por meio de adaptações/organizações/esquemas que ela promove com o meio, estabelece o desenvolvimento cognitivo.

As brincadeiras nas aulas de natação são relacionadas com esse desenvolvimento. Além disso, segundo a teoria piagetiana, ele não pode se dissociar do desenvolvimento afetivo e motor, são interligados (OLIVEIRA JUNIOR, 2019). É justamente por isso que, em consenso, Oliveira Junior (2019) e Santos et al. (2020) asseguram que a natação desempenha um papel relevante e favorece o desenvolvimento cognitivo das crianças pequenas.

Duran (2015) recomenda que a natação para crianças de 0 a 6 anos deve ser vivenciada livremente, com brincadeiras e brinquedos dispostos nas piscinas, onde por necessidade ou curiosidade elas vão experimentar as atividades lúdicas, capazes de proporcionar desafios, socialização, prazer e conquistas, tanto cognitivas, quanto motoras.

O desenvolvimento motor pode ser afirmado como um processo contínuo – ou seja, vai da concepção até a maturidade –, que ocorre no organismo dos seres humanos de modo sequencial e gradativo, sendo que têm progressões de movimentos simples, que podem ser aprimorados até se caracterizarem como habilidades complexas e organizadas (SANTOS et al., 2020). Por isso, considera-se que ele é adquirido durante todo o processo da vida e pode ser construído por meio de experiências vividas ao longo dos anos, principalmente na infância, onde os movimentos são aprendidos, facilmente estimulados e adequadamente treinados, para que sejam aprimorados durante os demais períodos (POLI, 2011).

Portanto, o desenvolvimento motor na primeira infância vai depender da relação que as crianças têm junto ao meio em que vivem e junto ao ambiente em que estão inseridas (SANTOS et al., 2020). Saraiva et al. (2018) asseguram que o desenvolvimento motor da criança pequena se relaciona às exigências físico-mecânicas, aos fatores ambientais e às experiências que ela já tem com o que aprendeu ou desenvolveu cognitivamente.

Vargas e Franken (2020) corroboram com a assertiva de que ele esteja atrelado ao desenvolvimento cognitivo, e vice-versa, pois as atividades lúdicas nas aulas de natação para as crianças pequenas permitem que elas se sintam satisfeitas, acolhidas e resolvidas em seus conflitos.

Correia et al. (2020) acreditam que, além do desenvolvimento cognitivo e motor, as atividades lúdicas na natação promovem o desenvolvimento afetivo, pelos movimentos na estrutura psicológica da criança. Alegam que o desenvolvimento afetivo e o cognitivo acontecem simultaneamente, não existindo puramente a cognição dissociada da afetividade e vice-versa. As experiências afetivas promovem a cognição, que implica no desenvolvimento da

satisfação/dos movimentos da estrutura afetiva. Afirmam que a teoria piagetiana descreve este desenvolvimento como mútuo e paralelo, pois sucessos/conquistas ou fracassos/perdas cognitivas infantis estão associados à satisfação e esta, por sua vez, promove o desenvolvimento afetivo (CORREIA et al., 2020).

No mesmo sentido, Carvalho e Maciel (2020) registram que a área afetiva do desenvolvimento infantil se relaciona com os movimentos (no caso, com as atividades lúdicas nas aulas de natação) que envolvem sentimentos, emoções e prazeres. Logo, as aulas de natação, embasadas pela ludicidade, influenciam e motivam o desenvolvimento afetivo das crianças pequenas, da mesma forma que a cognição e o aspecto motor, sem se dissociar da socialização – permitindo a dedução de que promove, também, o desenvolvimento social da criança.

Em relação ao desenvolvimento social, as brincadeiras e os jogos nas aulas de natação promovem os vínculos e a interação com o meio, criam regras e fazem um convite ao convívio social prazeroso e afetivo (MELO et al., 2020). O bom convívio social repercute e influencia as cognições futuras, subsidiam as resoluções de conflitos e combate as dificuldades. Deixam as crianças mais autônomas, criativas, confiantes, comunicativas, propensas aos relacionamentos interpessoais, adeptas ao trabalho em equipe e à convivência (OLIVEIRA JUNIOR, 2020).

A prática ativo-metodológica da natação com crianças da primeira infância exige que os professores, ao realizarem um trabalho que compreenda os seres humanos em sua totalidade e em seus contextos físico-sócio-histórico-culturais, compreendam que a ludicidade deve permear as relações, as interações e as construções do conhecimento mediante o brincar. Exige que os mesmos realizem um trabalho pautado em brincadeiras, visando compreender que o cognitivo, o motor, o afetivo e o social são interdependentes (LEITE; DANTAS, 2020).

4.3 O papel do professor de Educação Física enquanto profissional capacitado para o trabalho com a ludicidade nas academias de natação

Em consenso literário, pode-se afirmar que um dos elementos influenciadores do aumento do número de crianças da primeira infância nas escolas de natação seja a expectativa dos pais em matricular seus filhos para as oportunidades de brincar no meio aquático, para o combate aos medos e traumas, sobrevivência (evitando afogamentos e acidentes em piscinas domésticas) e a possibilidade de aprimoramento desportivo, visando o ingresso na vida atlética e em futuras competições. Independente de tais motivos, o ponto comum é a preocupação em relação aos profissionais que irão trabalhar no processo de ensino – o que demanda o

engajamento de bons profissionais nas academias de natação, que promovam todas as atividades elencadas (LUCKESI, 2014; CARVALHO; MACIEL, 2018; VARGAS; FRANKEN, 2020; MELO et al., 2020).

Portanto, os professores de Educação Física devem estar preparados e capacitados em relação às práticas lúdicas para que a adaptação ao meio aquático e a promoção da natação (e, então desenvolvimento integral) possam ser evidenciadas entre as crianças matriculadas – além de ser uma questão de segurança e garantia para os pais e um diferencial no mercado competitivo das academias/escolas de natação (LUCKESI, 2014; CAVALCANTI, 2019). Devem se atentar à individualidade de cada criança, de forma que as práticas lúdicas sejam direcionadas para o combate ao medo e à ansiedade – elementos comuns no processo inicial de matrícula das crianças pequenas (SILVA, 2020).

Por isso, o estímulo e o incentivo ao brincar são essenciais e fazem parte do papel do professor de natação capacitado para o trabalho com crianças da primeira infância. Embora a ação de brincar pareça simples, a ludicidade enquanto ferramenta e proposta metodológica de trabalho tem um significado pedagógico, pois lhe é atribuída a função de promoção do desenvolvimento e, por isso, o professor não pode se esquivar desta concepção durante o planejamento de suas aulas (CAVALCANTI, 2019).

O professor devidamente capacitado deve ter noção de que os jogos e as brincadeiras são essenciais para a construção do seu vínculo com as crianças, haja vista que a segurança e a confiança facilitam a adaptação ao meio líquido e antecedem o processo de nadar. Logo, ele é o profissional ideal para que as experiências e as vivências lúdicas no meio aquático antecedam o desenvolvimento integral de futuros atletas da natação (FRANKEN, 2020; MELO et al., 2020).

Além de ser o responsável por promover ambientes descontraídos, confortáveis, seguros, inclusivos e acolhedores nas escolas de natação. Para tanto, deve apostar na ludicidade enquanto subsídio para as atividades aquáticas (LUCKESI, 2014; DURAN, 2015; CARVALHO; MACIEL, 2018; VARGAS; FRANKEN, 2020; MELO et al., 2020).

[...] mas para que estas atividades proporcionem seus benefícios é necessário que o professor de Educação Física esteja preparado para ser o mediador, e o facilitador desse processo. [...] cabe a ele desenvolver novas práticas educativas que permitam às crianças um maior aprendizado [...]. Devem sempre estar atentos às manifestações da criança enquanto estão praticando as atividades lúdicas, pois elas poderão demonstrar características de sua personalidade individual, coletiva e o ritmo de sua aprendizagem [...]. Toda atividade lúdica tem um objetivo e ocupa um lugar de destaque no processo de ensino aprendizagem, cabe ao professor criar oportunidades ricas, proveitosas e com metodologias ativas (SILVA, 2020, p.21).

Considerando a necessidade da promoção de atividades no meio líquido e da natação em ludicidade é que Duran (2015) afirma a necessidade de profissionais da Educação Física mais envolvidos e preparados para atuarem nas academias e escolas de natação, considerando que são o porto-seguro das crianças, na primeira infância, dentro da água, nas piscinas. “Assim, é indispensável que a criança se sinta atraída pelo objeto/brinquedo. Cabendo aos professores de Educação Física apresentar as possibilidades de exploração que ele oferece, permitindo tempo para observar e motivar-se” (SILVA, 2019, p.29).

Melo et al. (2020) ponderam que os professores de natação dessas crianças se limitam somente ao ensino tecnicista dos quatro nados, não procuram atualizações, nem diversificam suas metodologias, não compreendendo a riqueza que a natação lúdica promove para este público. Não podem ser considerados profissionais de qualidade no mercado das academias de natação e representam uma fonte de negligência da promoção do desenvolvimento integral dos seres humanos em formação.

O constante aprimoramento destes profissionais pode acontecer por meio de pesquisas e leituras informativas, estudos científico-acadêmicos contemporâneos, cursos de especialização específicos da natação ou da Educação Física e áreas afins relacionadas; do interesse em promover a sua criatividade, planejando e criando atividades práticas a partir de suas experiências subjetivas, da leitura da individualidade das crianças que já trabalha e da necessidade que as mesmas trazem para o ambiente aquático. Assim, para a elaboração ou implantação das práticas lúdicas, deve considerar os anseios, medos, traumas, as necessidades de adaptação ao meio e o desenvolvimento integral (LUCKESI, 2014; DURAN, 2015; CARVALHO; MACIEL, 2018; VARGAS; FRANKEN, 2020; MELO et al., 2020).

4.4 Sugestões de práticas lúdicas para as aulas de natação de crianças pequenas

De acordo com Franco (2012), cabe à mediação de um adulto – no caso, o professor de Educação Física em academias ou escolas de natação – a apropriação de experiências por parte da criança pequena, para ampliação do seu conhecimento, sendo necessário que esta mediação seja dotada de ludicidade e afetividade. Deve ocorrer com capacitação, adesão às novas metodologias, com empenho e criatividade prática.

Venditti Júnior e Santiago (2008) estruturaram algumas propostas para a iniciação em atividades aquáticas com crianças de 0 a 6 anos. Um compilado delas é estruturado no Quadro 2.

Quadro 2 - Propostas para a iniciação em atividades aquáticas com crianças de 0 a 6 anos

Atividade/ Idade	Descrição	Objetivo	Material	Duração
Assoprando velinhas (1-4 anos)	O dedo do professor vira uma vela de aniversário. Todos cantam parabéns e o professor pede às crianças para ajudarem a apagar a velinha. Somente a ponta do dedo do professor deve estar para fora da água, na altura da unha.	Fazer com que a criança expire assoprando a água, até colocar a boca.	Não é necessário, porém, pode ser utilizado qualquer objeto que possa simbolizar a vela.	2 minutos aproximadamente
Brincando de circo (acima de 3 anos)	Com o auxílio de arcos grandes, o professor pergunta às crianças qual animal do circo elas querem ser. Ele coloca as argolas submersas na água e pede para as crianças passarem pelo arco de fogo.	Adaptar a criança em submersão na água e desenvolver sua propulsão.	Arcos grandes.	6 a 8 minutos aproximadamente.
Brincando de foguetes (acima de 4 anos)	O professor conta para as crianças que cada uma se transformará em foguetes. Com a mão sobre a outra e os braços estendidos (simbolizando o bico do foguete), ele coloca gasolina no foguete e pergunta quem está com o motor cheio e forte. Ele dá apoio com sua mão para o bico do foguete, ajudando a criança a se sustentar; e diz que para ver se o motor está com gasolina as crianças devem bater a perna (que é o próprio motor da nave), fazendo uma espuma na superfície. Batendo a perna forte as crianças podem fazer uma viagem pelo espaço e dizer o que encontraram. Porém, se disserem que estão sem gasolina ou não demonstrarem interesse em bater a perna, o professor joga um pouco de água nelas (fazendo uma "chuvinha"), dizendo que está enchendo o tanque do foguete.	Melhorar a sustentação, iniciando a perna do nado <i>crawl</i> .	Não é necessário	10 minutos aproximadamente.
Viagem pelo mar (acima de 4 anos)	A mesma atividade, porém, a criança coloca a cabeça na água procurando animais que moram no fundo do mar.	Melhorar a sustentação, iniciando a perna do nado <i>crawl</i> .	Não é necessário, porém pode jogar peixes de brinquedo ou qualquer outra coisa no fundo da piscina, pois simbolizará os animais.	10 minutos aproximadamente.
Os macacos sujos do telhado (2 a 5 anos)	O professor conta que existe uma família de macacos que mora no telhado da academia de natação, aí pede para a criança deitar a cabeça em seu ombro para ver se acha algum macaco lá em cima. Depois diz que	Adaptação ao posicionamento do nado costas e iniciação da pernada do mesmo.	Não é necessário	6 minutos aproximadamente.

	aquela família não gosta de tomar banho e estão cheirando mal e pede para cada criança que ele estiver levando, molhar os macacos batendo a perna na água, olhando para o teto.			
Os macacos sujos na água (2 a 5 anos)	A mesma brincadeira do macaco sujo, só que agora a criança deve rodar os braços para puxar o macaco, jogando-o na piscina. Percebe-se um incremento na atividade, passando a explorar fases do desenvolvimento motor e da maturidade da criança pequena.	Adaptação ao posicionamento do nado costas e iniciação da braçada do mesmo.	Não é necessário	6 minutos aproximadamente.
Cadeira encantada (2 a 4 anos)	Uma das pernas do professor vira uma cadeira e está encantada. O aluno senta em cima da cadeira com as costas voltadas para o professor. O professor primeiro ajuda a criança rodando seus braços e diz que quando a mão passa lá no alto a criança pega uma estrela do céu e quando passa lá em baixo, pega uma concha do mar. Depois, pede que ela faça sozinha. O professor deve dizer que "vê" as estrelas e conchas na mão delas.	Tentativa de fazer com que a criança tenha a noção de rotação e aumentar a amplitude na rotação dos braços. Movimento semelhante ao braço do nado crawl.	Não é necessário	6 minutos aproximadamente.
Roda Gigante (5 anos)	A criança agora fica com o rosto na água, executando a perna do crawl. O professor segura as mãos dela e a ajuda a realizar a rotação dos braços, fazendo um movimento com grande amplitude. Os braços da criança são a própria roda gigante do parque de diversão. Depois ela faz sozinha.	Iniciação ao nado <i>crawl</i> .	Não é necessário	7 minutos aproximadamente.
Saltos I (3 a 5 anos)	A criança fica sentada ou de pé na borda da piscina. O professor coloca arcos grandes na superfície da água simbolizando uma entrada para o túnel, onde a criança achará tesouros, que podem ser brinquedos no fundo da piscina. Vários níveis de altura e distância poderão ser executados.	Encorajar a criança a saltar na piscina.	Arcos grandes e brinquedos que afundam.	7 minutos aproximadamente.
Saltos II (5 a 6 anos)	O mesmo exercício anterior, mas na posição de saída (mergulho). A criança entra no túnel com o "bico do foguete", porém, agora, muito mais rápido e forte.	Iniciação à saída alta da natação.	Arcos grandes e brinquedos que afundam.	10 minutos aproximadamente.
Decolando o foguete (4 a 6 anos)	O professor brinca de decolar o foguete com as crianças. Segurando com uma mão na	Encorajar a criança para o posicionamento	Não é necessário	5 minutos aproximadamente.

	coxa e a outra no tórax, eleva-a e pede para que faça o "bico do foguete", mergulhando ela com o posicionamento semelhante ao do salto da natação.	correto da entrada do salto da natação.		
Ondas do mar (4 a 6 anos)	No momento de descanso entre uma atividade e outra, o professor pede às crianças para fazerem algumas respirações (as famosas bolinhas). Ele pergunta quais delas já foram à praia e diz que para fugir das ondas fortes tem que afundar para que não estourem na cabeça. Aí ele simula as ondas do mar e nesse momento as crianças devem afundar.	Realizar a inspiração fora da água e afundar fazendo a expiração.	Não é necessário	Aproximadamente 8 ondas cada vez que for realizar essa brincadeira. Cerca de 30 segundos.

Fonte: Venditti Júnior e Santiago (2008, adaptado)

Duran (2015) registra que o tempo de duração das sugestões de atividades lúdicas práticas é aproximado, sendo respeitado o interesse e o cansaço de cada criança. Por isso, cabe aos professores um planejamento das aulas com flexibilidade e criatividade, para evitar improvisos sem propósitos. Além disso, o ritmo e o grau de dificuldade também podem ser ajustados, não pela faixa etária, mas pelo grau de dificuldade ou facilidade de cada criança.

De acordo com Oliveira Júnior (2019), algumas atividades lúdicas são mais fáceis para as crianças de 5 a 6 anos, considerando que já tenham suas habilidades motoras mais aprimoradas, devido à aquisição do equilíbrio e de mais tônus muscular. Entretanto, não se faz regra, uma vez que muitas crianças de 3 a 4 anos são mais habilidosas na realização de atividades no meio aquático, considerando que a sua adaptação aconteceu de forma mais precoce que as de 5 a 6 anos.

Por este motivo é que se pode encontrar junto a Oliveira Júnior (2019) a assertiva de que a idade das crianças a partir das atividades propostas para as aulas de natação é uma estimativa aproximada e que a complexidade ou facilidade das mesmas deve acontecer por meio da avaliação do desempenho de cada criança. Cabe ao professor regular o desafio, sem deixar de lado a afetividade e a motivação lúdica – fatores primordiais para vencer o medo e prevenir os traumas. Saraiva et al. (2018) defendem a ideia de que os desafios estejam atrelados ao estágio de desenvolvimento de cada criança e nunca à faixa etária.

Sob essa ótica, não há como negar que a proposta de um trabalho lúdico-metodológico é fundamental, tanto para a motivação e adaptação ao meio líquido, quanto para o processo de desenvolvimento integral das crianças da primeira infância (DURAN, 2015). As intervenções lúdicas realizadas pelos professores de Educação Física no ambiente aquático – ou seja, na

piscina – vão possibilitar que o desempenho destas crianças seja otimizado e tenha êxito, promovendo o bem-estar de todos os envolvidos, principalmente, com a redução do medo e de possíveis traumas (OLIVEIRA JÚNIOR, 2019).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso organizou um estudo cujo resultado se fez importante para analisar a ludicidade, dando destaque as suas contribuições para a natação infantil, com uma discussão – mesmo que restrita, devido à escassez da literatura no tema – de informações fundamentadas e disponíveis para o auxílio da prática profissional dedicada à adaptação ao meio líquido e ao ensino da natação em academias e escolas de natação.

Para tanto, foi necessária a obtenção de um embasamento teórico relacionado aos objetos de estudo (ludicidade e natação), em meio a um resgate histórico e evolutivo, contando com o apoio de teóricos, estudiosos e pesquisadores que contribuíram com visões, opiniões e fundamentos acerca da ludicidade e da forma como isso possa contribuir/interferir no combate ao medo, na adaptação ao meio aquático e na promoção da atividade física em benefício do desenvolvimento integral.

Este estudo inicial poderá ser mais explorado e aprofundado em demais níveis de especialização acadêmica, logo, está livre de conclusões inflexíveis, ficando a cargo de considerações finais o que foi abordado nos capítulos anteriores.

Pode-se afirmar que os jogos e as brincadeiras sempre fizeram parte da vida das crianças. O caráter lúdico se representa na expressão do prazer, na fantasia entre o real e o imaginário e na promoção do desenvolvimento e da cognição. Então, não se pode desconsiderar que eles devem obedecer às fases/etapas/estágios ou objetivos a que se propõem, levando em conta que cada criança é um ser em processo de desenvolvimento e construção psíquica, é um ser social que deve ser respeitado.

Assim, constatou-se que dentre os demais motivos que levam as crianças a aderirem às escolas de natação, têm-se a demanda pela adaptação ao meio líquido, considerando o desejo de aprender a natação enquanto modalidade. Ademais, que as aulas práticas pautadas em princípios lúdicos (brincadeiras, jogos, brinquedos), com objetos/recursos apropriados e didáticos, são a base que fundamentará tal adesão.

A piscina adaptada e propensa ao mergulho no meio lúdico se faz um espaço acolhedor e inclusivo, com um olhar sobre a prática metodológica-inovadora da natação, ao mesmo tempo que uma condição para o desenvolvimento da criança da primeira infância. Se faz ainda um processo bilateral, onde este desenvolvimento pode ser motivador do desporto e da competição. Entretanto, constatou-se que tais benefícios só se tornam possíveis através da contribuição da ressignificação do papel do professor de Educação Física (então, professor de natação), com a promoção de atividades e práticas engajadas, adequadas para cada faixa-etária e potencial de

desenvolvimento, inovadas (ativas, livre da mecanicidade e do tradicionalismo), dedicadas e planejadas para promoverem a segurança, a satisfação (e desmistificação do medo) e a afetividade. Ele é o responsável pela adesão à metodologia e, então, promoção da ludicidade nas aulas com os pequenos, visando o seu desenvolvimento integral (cognitivo, motor, afetivo e social).

Concluiu-se que, por meio do lúdico, é possível transformar as aulas de natação da primeira infância em espaços sociais prazerosos, dotados de metodologia, frente à necessidade de adaptação ao meio aquático, diversificando as formas de aplicação, ao passo em que promove o enfrentamento do medo.

Em relação às dificuldades da pesquisa, registra-se a escassez da literatura sobre a ludicidade na natação infantil – o que inviabilizou uma discussão mais ampla, a partir de achados distintos –, tornando necessário o aumento de estudos e a produção de trabalhos científicos que abordem essa temática. Sobre as contribuições do estudo, o todo edificado pode promover informações sobre os benefícios das atividades lúdicas na prática profissional do professor de natação de crianças pequenas para estudantes e profissionais de Educação Física, além de gestores de escolas ou academias de natação.

Em relação à sugestão para pesquisas futuras, acredita-se que a extensão deste estudo teórico realizado, mediante revisão bibliográfica-literária, possa se completar com um estudo teórico-empírico, mediante um estudo experimental (um estudo de caso em academias/escolas de natação, com crianças de 0 a 6 anos de idade) com a ludicidade nas aulas práticas de natação/adaptação ao meio líquido, por exemplo, para a coleta de dados e a produção de conhecimentos relacionados – corroborando, então, com a ampliação da literatura atual, que se faz escassa e limitada.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.
- CARVALHO, M. V. P.; MACIEL, R. M. Os Benefícios da Natação no Desenvolvimento das Crianças e Adolescentes. **Revista Saúde e Educação**, v. 3, n. 1, p. 53-69, 2018.
- CAVALCANTI, C. G. F. **A ludicidade em estudos que abordam a natação infantil**. Monografia (Graduação em Educação Física) – Unidade Federal de Pernambuco. Recife, 2019.
- CORAZZA, S. M. **Infância e Educação: Era uma vez...Quer que conte outra vez?** Petrópolis: Vozes, 2002.
- CORREIA, C. K.; WAMOSY, R. M. G.; DE ARRUDA, E. H. Z.; DUTRA, A.; ROESLER, H.; PEREIRA, S. M. Quais os efeitos da natação para crianças e adolescentes? Revisão sistemática de literatura. **Arquivos de Ciências do Esporte**, v. 7, n. 1, 2019.
- DAMAZIO, R. L. **O que é Criança**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- DURAN, M. **Aprendendo a nadar em ludicidade**. São Paulo: Phorte, 2015.
- FRANCO, M. A. R. S. **Pedagogia e prática docente afetiva**. São Paulo: Cortez, 2012.
- FREIRE, I. A. **Lúdico, movimento e diálogo**. Campinas: Alínea, 2018.
- GOUVEA, M. C. S. **Infância, sociedade e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- KISHIMOTO, T. M. **Jogos, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996.
- KUHLMANN JUNIOR, M. **Educação Infantil e currículo**. Campinas: Autores Associados, 2007.
- KUHLMAN JÚNIOR, M. **Infância e educação infantil: Uma Abordagem Histórica**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- LEITE, C. M. S.; DANTAS, S. M. A Afetividade no Desenvolvimento Cognitivo. **Rev. Mult. Psic.**, v.14 n. 53, p. 41-51, dez. 2020.
- LUCKESI, C. Ludicidade e formação do educador. **Revista Entreideias**, v. 3, n.2, p. 13-23, jul./dez. 2014.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MELO, J. M. P.; SOUZA, J. R.; LIMA, R. K. V.; SILVA, S. L.; OLIVEIRA SANTOS, G. Benefícios da natação para crianças e adolescentes. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 8, p. 62511-62519, 2020.
- PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

OLIVEIRA JÚNIOR, C. L. S. **O lúdico enquanto recurso metodológico para a natação infantil: revisão bibliográfica.** Monografia (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2019.

POLI, P. **Natação para bebês, infantil e iniciação:** uma estimulação para a vida. São Paulo: Editora Phorte, 2011.

SANTOS, J. P. S.; RAIMUNDO, R. J. S.; PRADO, J. C. F.; SANTANA, C. A. Os benefícios da natação para faixa etária lactente. **E-Revista**, v.1, n.18, 2020.

SARAIVA, F. B. S; OLIVEIRA, N. B; MATIAS, P. L. J; OLIVEIRA, N. B; MACHADO, N. A. A. Conhecimentos ludopedagógicos na aprendizagem da natação infantil. **Revista Licere**, v.21, n.4, 2018.

SILVA, C. G. P.; FALCÃO, H. T. A relevância da natação no desenvolvimento psicomotor em crianças de 3 a 6 anos. **Cadernos UniFOA**, v. 6, n. 2, p. 85-98, 2018.

SILVA, I. B. **Lúdico no ensino da natação para crianças de 3 a 10 ano de idade.** Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2020.

SILVA, M. L. F. Natação para bebês e sua complexidade: uma revisão bibliográfica. **Revista do Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, v.13, n.3, p. 1-9, 2021.

SILVA, T. S. **Benefícios da natação para o desenvolvimento infantil.** Monografia (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2019.

SOUZA, A. M.; NYARI, N. L.D.; JULIANI, M. Adaptação ao meio líquido: Fundamentos Pedagógicos da Natação. **Revista Extensão em Foco**, Palotina, v.1, n. 24, p. 13-32, ago./dez. 2021.

VARGAS, J. L. B.; FRANKEN, M. Efeito das aulas de natação escolar na adaptação ao meio aquático em crianças. **Arquivos de Ciências do Esporte**, v. 7, n. 4, 2020.

VENDITTI JUNIOR, R.; SANTIAGO, V. Ludicidade, diversão e motivação como mediadores da aprendizagem infantil em natação: propostas para iniciação em atividades aquáticas com crianças de 0 a 6 anos. **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 12, n.117, fev. 2008.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes Editora LTDA, 1998.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1968.